

## MAURO MENDES DIAS

### A POLÍTICA É ESTRUTURADA PELAS GUERRAS

#### A pulsão de morte e a guerra

Um ponto decisivo que nos vem de Freud, relativo à sua teoria da guerra é o fato de ser apresentada no singular, porque aquilo que a estrutura é a pulsão de morte na sua manifestação exterior como pulsão de destruição. É o momento em que se concretiza o que ele chamou a «*desfusão pulsional*». Thanatos separa-se de Eros e o que ocorre é a destruição. Já não existe a ligação que Eros promovia. Não é a qualquer momento, nem por qualquer motivo, que se concretiza a passagem para a destruição. No entanto, há um elemento que a distingue: a imprevisibilidade. Ela, a imprevisibilidade, é movida pela paixão. E, como toda a paixão, o ato do sujeito imprevisível é cego.

Ao abordar a guerra em Freud, há um momento em que esta assume uma condição plural. É quando ela é travada entre as instâncias psíquicas. O Id a invade o Ego, o Ego defende-se dele, o Superego invade a consciência..... Neste sentido, em Freud, a guerra é constitutiva do aparelho psíquico na sua estrutura pulsional

#### A política do conflito

Todo o conjunto de relações que os seres pulsionalistas estabelecem entre si, ou seja, a sua política, será estruturado pelo conflito que decorre da sua própria estrutura. Os conflitos são produzidos, segundo ele, tanto ao nível das ideias e dos pensamentos como no nível dos afetos. Podem evoluir no sentido da guerra, se e somente se não nos mantivermos atentos ao que o próprio Freud escreveu: «Se queres a paz, prepara-te para a guerra.»

A questão que se coloca hoje, com o regresso desta advertência de Freud, é a de nos questionarmos sobre o que significa «preparar-se para a guerra». Será isso possível, quando assistimos a proliferação, em todo o mundo, de um conjunto de guerras sem qualquer tipo de mediação?

Não só o significante «*guerra*» foi apagado pelo termo «*operação especial*». Mais do que isso, assistimos a disseminação de uma impotência para impedir a destruição.

Nesse sentido, a ausência de barreiras consente ao genocídio.

## **Genocídio, censura e máquina de morte**

O problema, quando um significante como «*genocídio*» reaparece, não se resume aos efeitos destrutivos que produz; mais além, a questão se complexifica quando esse significante é censurado e acusado, precisamente por aqueles que o pronunciam, de serem responsáveis por sanções aplicadas a eles, e consideradas legítimas. O ato de censurar e punir o uso de um significante promove, como consequência, um conjunto de relações refratárias ao diálogo, movidas pela estupidez de argumentos insensatos e desprovidos de fundamento.

A partir disso, formam-se relações que irão sustentar uma política da estupidez. É quando a religião, agora sinónimo de seita, passa a promover e a estimular a cegueira, entendendo-a, tal como a nomeei no título de um texto :

“O pior cego é aquele que não quer escutar”

### **O Inconsciente é Estruturado pelas Guerras**

Vou relacionar o que acabei de expor com um possível sentido da afirmação de Lacan quando introduz a seguinte definição: “O inconsciente é a política”. Como considerar a conceção do inconsciente quando este é estruturado pelas guerras? Ou ainda, à luz do título da minha intervenção, poderíamos escrever: *O inconsciente é estruturado pelas guerras*.

Para que o inconsciente seja estruturado pelas guerras, é necessário que se resuma a acelerar o gozo da destruição. Neste caso, já não contamos com a presença de discursos nos quais o inconsciente se manifestava. Mais do que isso, os sujeitos orientam-se para uma organização que funciona como uma máquina de morte, fabricante de cadáveres.

Os significantes fazem funcionar esta máquina de morte por meio das guerras, expressando-se de forma imperativa. É o princípio da invasão que reencontramos de forma vívida nas invasões subjetivas. Algumas invasões estabilizam-se, mas nem todas.

### **O desastre político**

O surgimento do desastre da invasão manifesta-se tanto no sujeito como na política. Qual é esse desastre na política? É a ruptura do discurso que inclui o sujeito, bem

como das leis que organizam a vida coletiva. Trata-se de um momento histórico em que a disseminação das guerras de invasão e de extermínio fez explodir os limites. Não existe qualquer legislação que imponha limites concretos ao avanço da morte e do assassinato coletivo. Existem guerras em diferentes países do mundo sobre as quais nem sequer temos informações. Atualmente, o seu número está em torno de sessenta e cinco. O ano de 2026 é aquele que regista o maior número de conflitos armados em todo o mundo.

### **A redução da metáfora**

A questão que se nos coloca, na psicanálise, diz respeito a forma de intervir de modo a erguer uma barreira contra a assimilação, a disseminação da morte e sua banalização. Não há qualquer motivo para continuar a insistir no regresso das leis para resolver os conflitos; chega a beirar o ridículo realizar tal proposta. Se as guerras podem interessar a um psicanalista, é porque nelas encontramos tanto a presença daquilo que nos é mais íntimo como aquilo que nos é mais íntimo vindo do exterior.

O fato de estarmos envolvidos na elaboração das guerras não nos isenta das consequências que estas promovem. E o que elas promovem é um consentimento na ruptura do pacto social. Em outras palavras, as guerras produzem, no campo semântico da língua, uma redução acentuada da metáfora em virtude da predominância do Real. Por isso mesmo é surpreendente e admirável que continue a existir poetas que se mantêm escrevendo nas regiões em guerra por todo o mundo.

Quando o Real se impõe através de significações absolutas, o que passa a importar é a eliminação da ambiguidade e do deslizamento. Os discursos empobrecem-se. Consequentemente, os sujeitos tornam-se vulneráveis ao comando de líderes transgressores que se servem das leis para melhor degradá-las, prometendo uma era de reconquista de direitos perdidos, custe o que custar.

### **Infância e o circuito com o Outro**

Se existe tal consentimento em relação às guerras na época em que vivemos, isso significa que há, simultaneamente, uma banalização, um esquecimento das suas consequências. E o que elas deixam como secura é uma relutância em saber o que

se passa no mundo, assim como à nossa volta. Nesse sentido, esquecemos que milhares de crianças são mortas e mutiladas diariamente.

Não se trata de sentimentalismo, nem de espetáculo da compaixão. Quando deixamos de nos preocupar com a vida das crianças, descartamos a relação com o Outro como forma de estruturar a infância. A partir daí, surgem uma série de problemas, quer se trate de traumas infantis causados pela morte de familiares, quer daqueles causados por mutilações.

Uma série de trabalhos para abordar a realidade das crianças, bem como os seus traumas, estão sendo produzidos pelas equipes do MSF, assim como de organizações mundiais que se dedicam ao cuidado e tratamento delas, que valem a pena de ser conhecidos e reconhecidos.

São Paulo, 29 de agosto de 2026

Texto apresentado no Colóquio Psicanálise e política, promovido pelo grupo “Conexões freudianas”, Fortaleza, Ceará